

Apresentação do dossiê

Claudia Wasserman *

Em 2003, a Revista Anos 90 convocou nossa comunidade acadêmica a produzir artigos sobre a historiografia latino-americana, resultando em um dossiê (n. 18) que teve grande repercussão e ajudou a congregar uma rede de pesquisadores interessados em um campo de estudos que tangencia a historiografia e a história intelectual, abrindo caminho para a investigação da trajetória de grupos intelectuais, de correntes de pensamento e para a elaboração de biografias intelectuais.

Os estudos historiográficos latino-americanos são bastante diversificados e podem se referir ao mapeamento de autores, obras e temáticas, à elaboração de periodizações ou à análise da escrita da história e suas operações metodológicas. A história intelectual consagra a interpretação de autores, suas obras e os contextos que fizeram emergir esta produção intelectual, bem como sua recepção, colocando maior ênfase em algum destes aspectos.

O dossiê que agora se apresenta, convocado cinco anos depois daquele dedicado à historiografia, encontra a nossa comunidade de historiadores bastante envolvida com estas temáticas. Encontros científicos sistemáticos reúnem os pesquisadores dedicados à

* Coordenadora do dossiê. Professora do Programa de Pós-Graduação em História (UFRGS). Dra. em História Social (UFRJ). Pesquisadora do CNPq.

18 história intelectual latino-americana, entre os quais posso destacar o Corredor de las Ideas del Cono-Sur, os colóquios Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano, os Congressos da Internacional do Conhecimento e os encontros do Grupo de Trabalho da Anpuh, denominado Fronteiras Americanas, de onde se enfatiza também o Grupo do CNPq, Grupo de Estudos Americanos; os encontros da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), dos Americanistas e da Associação de Historiadores Latino-Americanistas (AHILA), entre outros.

O objetivo deste dossiê foi discutir a trajetória de intelectuais que tiveram o interesse e a capacidade de ultrapassar o âmbito do Estado Nacional, dedicando-se ao diagnóstico, à compreensão e à transformação da América Latina e do mundo periférico como um todo. Em toda a América Latina não é extensa a lista de intelectuais que se dedicaram a pensar o subcontinente como um todo articulado, com problemas similares e perspectivas semelhantes.

Preliminarmente, por exemplo, uma lista de autores brasileiros que se dedicaram ao estudo das sociedades latino-americanas é bastante restrita. Poderíamos citar Manoel Bomfim, Celso Furtado, Ciro Flamarion Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini, Darcy Ribeiro, Otávio Ianni, Emir Sader e Florestan Fernandes entre aqueles que escreveram sobre o contexto latino-americano e seus problemas para além de suas preocupações com a sociedade brasileira, ou melhor, inserindo suas inquietações sobre o país em um contexto mais amplo que dizia respeito a todo mundo periférico.

Nos demais países do subcontinente latino-americano e no Caribe, este quadro intelectual não é diferente. Entre os “intérpretes de Nuestra América” podemos citar o cubano José Martí, os peruanos José Carlos Mariátegui e Victor Haya de la Torre, os uruguaios José Enrique Rodo e Eduardo Galeano, os mexicanos Leopoldo Zea, José Vasconcelos e Pablo González Casanova, os argentinos Aldo Ferrer, Héctor Pérez Brignoli, Túlio Halperin Donghi e

Ernesto Che Guevara, os chilenos Enzo Falleto e Héctor Bruit, o equatoriano Agustín Cueva, entre outros.

Entretanto, é infinitamente maior a lista de autores cujas preocupações estiveram encapsuladas pelas fronteiras do Estado-Nação. Destinados a legitimar a existência dos estados nacionais, diferentemente daqueles que possuíam uma perspectiva que transcendia essas fronteiras, a maior parte dos intelectuais da América Latina foram incapazes de ultrapassar estas barreiras e terminaram restringindo o papel, as funções, os domínios de sua ação, bem como, limitando a elaboração de agendas para os pensadores da América Latina como um todo.

A capacidade e o interesse em acessar um ambiente que transcende as fronteiras nacionais estiveram relacionados com contextos que permitiram produzir esse tipo de reflexão ou com um ambiente que convocou os intelectuais a atuar mais além dos limites da nação. Estas conjunturas foram, notadamente marcadas pelo início do século XX e pelo contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e da Revolução Cubana.

Na primeira conjuntura, as elaborações intelectuais que tentavam superar o domínio nacional eram críticas ao predomínio do positivismo e das premissas deterministas raciais, geo-climáticas e territoriais. Do ponto de vista prático, a transição do neocolonialismo britânico para o imperialismo norte-americano desencadeou uma elaboração teórica tendente a reunir aqueles intelectuais e militantes sociais que vislumbraram os perigos desta nova dependência. Esta visão crítica ao eurocentrismo, à dependência e aos múltiplos preconceitos provocou uma reviravolta na intelectualidade latino-americana e produziu uma nova visão do subcontinente e de seus problemas comuns.

O segundo momento em que as interpretações sobre a América Latina surgiram em todos os países latino-americanos, foi aquele decorrente do fim da Segunda Guerra Mundial e da expansão do capitalismo mundial que coincidiu com a aceleração do processo

de industrialização em alguns países periféricos. Os intelectuais da América Latina responderam a este contexto destacando as conquistas da industrialização e do crescimento econômico sustentável, bem como os problemas decorrentes do crescimento urbano e do avanço do movimento operário. Foi a época da criação da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL-1948) e da elaboração das primeiras teorias acerca das possibilidades de desenvolvimento autônomo, assim como a formulação de propostas alternativas ao capitalismo, inspiradas na Revolução Cubana.

O dossiê que apresentamos remete a estas conjunturas ao resgatar a perspectiva de intelectuais como José Enrique Rodo, Alejo Carpentier, Aldo Ferrer, Octávio Paz, Alfonso Reyes, Miguel Cané, Mario Vargas Llosa e outros.

O artigo de Claudio Maíz propõe a existência de uma “pátria intelectual” ao abordar as relações transatlânticas que se estabeleceram a partir de cartas, revistas e viagens. Ele oferece outra perspectiva para a idéia das “comunidades imaginadas” de B. Anderson, enfatizando a formação de redes entre intelectuais e a constituição de uma visão relacional, comparativa, em detrimento do encapsulamento nas fronteiras da nacionalidade.

Maria Helena Capelato nos brinda com um texto sobre autores que estiveram a serviço da construção da identidade nacional em uma conjuntura que pode ser designada como a “nossa Era dos Nacionalismos”, abordando de modo original a trajetória de intelectuais como o mexicano Samuel Ramos, o argentino Eduardo Mallea e o porto-riquenho Antonio S. Pedreira, entre outros. Envolvidos na busca da identidade nacional, estes intelectuais identificaram as dificuldades interpostas pela visão eurocêntrica do mundo e, por intermédio da questão nacional, foram capazes de pensar os males de toda a região periférica.

A atuação de diplomatas na Argentina e no Brasil, analisada por Fábio Muruci dos Santos, particularmente do argentino Miguel Cané e do brasileiro Manuel de Oliveira Lima, revela o quanto

algumas instituições do Estado, notadamente o espaço do Ministério das Relações Exteriores, podem ser instrumentos de disseminação de idéias que ultrapassam o âmbito da nação e atravessam os problemas enfrentados por toda uma região do planeta. O “arrielismo”, identificado nos dois personagens, influenciou toda uma geração de autores críticos do positivismo e dos determinismos.

Heloisa Jochims Reichel apresenta o percurso intelectual do economista Aldo Ferrer, engajado nos processos de integração latino-americana, desde a formação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), até a constituição do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Procura identificar nos textos do economista as mudanças de seu pensamento acerca da integração regional, remetendo estas variações intelectuais às alterações da conjuntura argentina, latino-americana e mundial.

O ambiente acadêmico mais estrito foi contemplado no artigo de Bruno Bontempi Junior sobre João Cruz Costa e suas vicissitudes na Faculdade de Filosofia da USP, revelando as disputas no ambiente intelectual da época e o ostracismo reservado aqueles que não se enquadraram no momento de consolidação das especializações acadêmicas.

Os artigos de Eduardo Ferraz Felipe e Germán Alburquerque tratam do percurso intelectual de renomados ficcionistas latino-americanos, Alejo Carpentier, Octávio Paz e Mario Vargas Llosa. Tratam de explicitar sua intensa ação política e a originalidade estética e discursiva dos escritores que procuravam referências capazes de orientar a América Latina em seu destino e de gerar novas formas de identificação coletiva.

A ação política, para além das elaborações de intelectuais, está evidenciada também nos artigos dos colegas Jorge Ferreira, Hernán Ramírez e Norberto Ferreras. Ao ampliar a definição de intelectual a outros atores, como Leonel Brizola e seu jornal Panfleto, no Brasil, os correspondentes da OIT, na Argentina, ou os formuladores das políticas neoliberais, na Argentina e no Brasil, os três

artigos analisam a disputa pela definição dos rumos do capitalismo brasileiro e argentino que dominou a cena política e intelectual dos anos 1960 nestes dois países e em toda a América Latina. Os textos ajudam a refletir sobre o papel do Estado na configuração da esfera intelectual, ao examinar a trajetória de atores sociais, não incluídos necessariamente no cânone “intelectual”, mas que, em suas áreas específicas, pensaram os rumos das sociedades nas quais estavam inseridos e atuaram política e intelectualmente nesta direção.

O dossiê ainda conta com a resenha de três livros recentes que tratam da história da América Latina, “A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos”, de João Feres Jr.; “Salvar la Nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos”, de Patricia Funes, e “Movimientos y poder indígena en Bolivia, Ecuador y Peru”, de Xavier Albó. Os três livros remetem, de um modo ou de outro, à história intelectual abordando o modo como os intelectuais construíram o conceito de América Latina nos Estados Unidos, a questão nacional nos textos dos intelectuais do início do século XX ou a historiografia dos movimentos sociais mais contemporâneos. O lançamento recente de todas estas obras revela, uma vez mais, a vitalidade destes estudos de história intelectual e historiografia na América Latina.

O dossiê que foi convocado com o objetivo de oferecer mais um espaço para o debate acerca da América Latina e de sua história intelectual brinda os leitores com uma visão ampliada do intelectual e do seu papel nas sociedades periféricas, da necessidade de elaboração de agendas próprias para os pensadores da América Latina, da compreensão do estabelecimento de redes entre eles e da formulação de visões não parciais acerca de nossas sociedades latino-americanas.